

Cortes Histológicos

Diz Bernardo Soares que o coração, se pudesse pensar, pararia.

O cérebro, esse, pensa, é o que se diz. Porque não pára? Porque a angústia da paralisia cerebral? Para mais litos, a quase pedra. Quase rocha. Quase penhasco, debruçado sobre o vale, inerte, a ver correr a água do rio como o sangue corre nas artérias. Pedra tumular, estela funerária, necrópoles a meia encosta contemplando aldeias.

Tempo fóssil. Petrificado. Como ossos milenares.

O que não pensa, supõe-se, vive num coma profundo. Contra-diz-se: vive ainda e já não vive. O tempo torna-se-lhe igual. Em cada instante o que existe no espaço repete-se, nada, nem um grão de pólen levado pelo vento nem uma gota de orvalho trazida pelo frio da madrugada, tão igual que nem sequer será possível falar em instantes. Os cem anos da Bela Adormecida, são como nada.

Se soubéssemos alguma coisa de Física, que diríamos? Que o que pára, porque pára, se move à velocidade da luz? E que o tempo deixa de ter sentido; que o espaço se retrai sobre si mesmo, reduzido a uma mínima espessura, a do ponto?

E, no entanto, “mínimo sou, mas quando ao nada empresto a minha elementar realidade”, diz Reinaldo Ferreira (que úteis são os poetas), num curtinho poema justamente chamado “O Ponto”, “o nada é só o resto”, a saber, o teu mundo – meu, teu, seu, jamais o nosso mundo, o vosso, o deles. Condenado à singularidade como um prisioneiro no isolamento da sua cela, como os monges que se emparedavam para fugir à carne e ao demónio, mas que os levavam com eles.

Anulá-los, é anular o tempo que decorre nas nossas veias. É o corpo inerte que não é já capaz de estabelecer a diferença entre um antes e um depois. A provável felicidade eterna, quietos a rir, sem nos “doer nada” como noutro poeta, Camilo Pessanha. Que também diz “floriram por engano, rosas bravas no inverno”.

Está vivo o que dói?

Intrigante a arte da escultura, a do desenho.

Depende inteiramente das condições do Espaço, a larga folha de papel, geralmente branco, o bloco de mármore, o clássico bronze.

No caso da Cristina Ataíde, também a cera, o ferro. Ou a madeira. E as cores.

O sentido externo e a objectividade. O que é extenso.

Mas, paradoxo. Como esculpir a duração, o ritmo, a desarmonia da emoção? Como transformar no equilíbrio do ser pleno, aqui já, todo presente, o que corre e se adensa? Em perfeito o inacabado? Em circunferência a elipse?

As emoções não se medem: ninguém tem metro e meio de amor, muito menos seis quilos de cólera ardente, uma arroba de puro ódio, arráteis de mansas ternuras. Não são extensas, são afecções do eu que sofre, exulta, pensa.

Ao contrário da extensão, das riquezas, das coisas que se podem ter e percorrer, contabilizar, enfiar em cofres de bancos, fechar a sete chaves ou atirar para a lixeira clandestina do terreno vago atrás da tua casa, as amizades duram. És amigo da tua amiga, amiga do teu amigo, desde os bancos da escola, desde os dias que se mediam pelo toque da campainha, há quantos anos já?

O Tempo,
(não o que está, calor ou frio, tempo apenas meteorológico, hoje chove de Norte a Sul de Portugal, cai neve nas terras altas, mas o Tempo que passa até ao doirar do Sol e faz florir as rosas bravas, corar a roupa branca no estendal – antes que, com o progresso tivessem também chegado os detergentes, todos em línguas estranhas a que nos vamos habituando titubeantes, sentindo o quê? Vagamente nada: há num detergente alguma coisa própria para fazer bater mais depressa um músculo cardíaco?).

o verdadeiro Tempo é juvenil, é o do sangue na guelra: une val-se à vingt ans, une valse à cent ans, une valse à mille temps. É o que se sente no interior do tórax, comme une musique militaire allemande où l'on n'entend que la grosse caisse – lembram Brel e Vian.

O Tempo dos corações-metáforas – do plexus solar, talvez – que aceleram e se pacificam, que correm desordenados, de medo e de ansiedade, de euforia, de vergonha, de justo orgulho.

Mas a escultura de Cristina Ataíde estabiliza-os. Primeiro na cera, que aquecida se deforma, mas, como as emoções ao esfriar, se imobiliza. Restam memórias, quem sabe, de um tempo coagulado.

Depois em formol. Imensos, vermelhos, triturados e, finalmente, parados também eles. Quietos. Já não lhes dói nada.

E, enfim, aplanados esses sentimentos, como num planisfério, o mapa do teu mundo que era redondo e se circumnavegava, agora aí o tens: estendido no chão e na pedra; tremendamente aumentado, exposto na lamela de vidro, hiperbólico nas lentes de um microscópio. Podes, enfim, ver as veias por onde correu o sangue, o suor e as lágrimas, onde sentiste o génio vivo.

Passo a passo, com o olhar que tudo abarca num relance, mas se detém neste ou naquele momento, para logo ir mais além, como que em busca do tempo perdido, finalmente tempo recuperado numa laje no chão.

Falácia? Sofisma?

Mas, o que se chama arte não será, tão só, essa habilidade de sofismar os paradoxos? De fazer viver aquilo que contradiz a vida?

Mentir para fazer ouvir a indizível verdade?

*Rui da Costa Lopes
(Junho de 2001)*